SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

AVENÇA

ANO XXXII

MAIO DE 1976

N.º 371

Avulso Esc. 5$00

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

Um problema social

A MENDICIDADE

Por EDUARDO RIBEIRO

Em Portugal, a mendicidade foi sempre problema, o que também se verifica noutros países da orla mediterrânica e não só. Nunca se conseguiu acabar com esse hábito, embora através da repressão tivesse sido possível atenuá-lo nos últimos anos. Depois do «25 de Abril», porém a mendicidade tem recrudescido visivelmente, pelo menos nas ruas da nossa capital.

O observador pouco atento ou o crítico tendencioso poderá facilmente concluir que o incremento da mendicidade se deve ao agravamento da situação social do país, pela existência de mais miséria e de situações mais angustiosas.

No entanto, se nos detivermos na análise do problema, verificamos que tal conclusão é precipitada. Subsistem, sem dúvida, situações difíceis de miséria e sofrimento, que nas grandes urbes mais se agudizam pela falta de solidariedade humana, pois só nas cidades é possível a completa inanição, já que na aldeia, ou mesmo na vila, se vive mais em comum, há um maior sentido de comunidade. Devemos contudo reconhecer que a situação das classes mais desfavorecidas não se agravou pela mudança de regime. Pelo contrário, estas têm sido beneficiadas, pouco ou muito, por medidas de carácter social, pelo estabelecimento do salário mínimo e subsídio de desemprego, aumento de reforma, que contribuíram para atenuar os problemas decorrentes do agravamento da crise de trabalho. Pena é que não possamos alinhar qualquer consideração optimista sobre a assistência na doença, pois as estruturas dos serviços de saúde não foram reorganizadas e parece deteriorarem-se constantemente.

A mendicidade é chaga que não pode nem deve ser ignorada. Patenteia-se a nossos olhos na mais crua realidade. A solução do problema passa essencialmente pela transformação social e económica do país. Mas enquanto uma mais eficiente justiça se não fizer sentir, não poderemos ignorar o facto deplorável do seu incremento. Ainda recentemente, numa das principais artérias da Capital, se nos deparou um quadro patético e decepcionante. Uma menina de oito ou dez anos de idade, de aspecto suficientemente limpo, encontrava-se deitada no chão, de bruços, de rosto escondido, tendo junto dela uma caixa com a seguinte inscrição: *Eu não tenho pai. Tenho oito irmãos e a minha mãe está no hospital. Temos fome.* O público sensibilizava-se com o quadro triste e as esmolas chuviam abundantes e até valiosas.

Uma sociedade com pruridos de justiça social, que gasta rios de dinheiro em propaganda política, tantas vezes inoperante, não pode — não deve — consentir que uma mãe vá para o hospital e deixe oito crianças ao abandono. Tratava-se, portanto, de uma situação em que as autoridades tinham o dever de intervir e solucionar o problema na sua base. Outros quadros semelhantes se nos têm deparado nas ruas de Lisboa e não nos parece razoável que uma sociedade *em revolução* possa consentir no seu seio situações de tão angustiosa aflição sem fazer alguma coisa de correcto para as resolver.

Talvez aquela criança, que ocultava o rosto, não tivesse a mãe no hospital, nem mesmo tivesse qualquer irmão. Talvez algum parasita a estivesse utilizando como isco para explorar a caridade pública, promovendo aquele quadro que nos enche de vergonha como cidadãos de um país que queremos ver feliz. Mas a solução do problema da mendicidade não passa, não deve passar, pela simples repressão. O incremento da mendicidade que se patenteia fla-

Continua na pág. 3

O PRESIDENTE DA FRATERNAL INTERNACIONAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS E GUIAS ESTEVE EM LISBOA

Conforme noticiámos, o presidente da direcção da Fraternal Internacional dos Antigos Escoteiros e Guias, o sr. Philip Tossijn, esteve em Lisboa, em viagem profissional, tendo aproveitado a oportunidade para contactar com dirigentes escotistas e apreciar alguns dos problemas com que, entre nós, o movimento dos antigos escoteiros se debate.

O sr. Tossijn chegou a Lisboa no dia 8 de Abril p. p. e logo no dia 10 se deslocou ao Parque de Escotismo da Caparica, onde almoçou com alguns dos nossos camaradas. O nosso visitante manifestou muito agrado não só pela forma como fora ali recebido, mas também pelo conjunto de instalações que a AEP possui naquele lugar.

No dia 13, à noite, o nosso companheiro dignou-se visitar a sede dos Antigos Escoteiros, em S. Paulo, e ali ter uma reunião informal com um grupo de antigos escoteiros que compareceu para o cumprimentar, e agradecer o interesse que já há tantos anos tem manifestado pelo nosso movimento.

O sr. Tossijn dispos-se a responder a perguntas que lhe fossem dirigidas e começou por afirmar que nós, portugueses, tínhamos a vantagem de ser um povo pacífico, pois embora estejamos a atravessar uma revolução, ela em nada se assemelha, por exemplo, com a Revolução Francesa, em que houve milhares de e milhares de mortos. Disse, ainda, que os escoteiros portugueses têm um importante papel a desempenhar, que é o de fornecer aos jovens uma nova imagem dos escoteiros. Por isso, temos de colocar os nossos talentos ao serviço da juventude, para que defendamos a imagem do escotismo na sociedade moderna. Os escoteiros, novos como são, não têm suficiente força para salvaguardar essa imagem, papel em que têm de ser secundados pelos antigos, os quais por isso, embora conservando a sua independência, devem apoiar o movimento dos mais novos.

O sr. Tossijn afirmou ainda que a Fraternal não tem senão este objectivo: ajudar as associações nacionais a desenvolverem-se para se tornarem proveitosas para o ideal escotista.

O nosso hóspede apontou ainda a necessidade de as duas associações escoteiras e a associação de guias trabalharem no sentido de realizar a união de todos os antigos dos três movimentos escotistas portugueses.

Antes de se retirar, o sr. Tossijn ainda se referiu a diversos aspectos da organização dos antigos escoteiros nalguns países. Revelou que algumas famílias de antigos escoteiros têm enviado à Fraternal documentos escotistas

Continua na pág. 7



Claudionor Raposo Borges

A publicação *Velha Guarda*, que é editada pelo Comissariado Nacional dos Antigos Escoteiros do Brasil, dá-nos conhecimento de que faleceu no dia 28 de Fevereiro p. p. o sr. Claudionor Raposo Borges, gerente comercial, irmão do comissário nacional dos Antigos Escoteiros daquele país, o nosso camarada sr. Horácio Raposo Borges Filho.

A este nosso amigo, assim como a toda a família enlutada, enviamos as nossas condolências.

DIA DO ESCOTEIRO

Do nosso mui estimado amigo e conceituado dirigente escotista EC Jacinto dos Reis Moniz Silva recebemos a seguinte mensagem:

Prezados Amigos,

Fraternais Saudações para todos quantos trabalham em «Sempre Pronto», neste Dia do Escoteiro — 1976.

Agradecemos e retribuímos esta manifestação de amizade deste nosso dedicado colaborador.

Parque Nacional de Escotismo da Costa da Caparica

O Boletim Oficial n.° 1/75, de 20 de Março do ano corrente, da Associação dos Escoteiros de Portugal, publica a exoneração, a seu pedido, do EC Eduardo Augusto da Silva Xavier, do cargo de adjunto do director deste Parque de Escotismo.

A exoneração que acaba de ser concedida veio pôr termo a um largo período em que este nosso dedicado companheiro, com inexcedível dedicação, desempenhou este difícil lugar que, embora tenha levantado certos reparos de alguns detractores, representa larga folha de serviços, a que seria injusto não se prestar agora a devida homenagem.

O mesmo Boletim Oficial nomeia a nova equipa do Parque que é constituída pelos EC Armando de Almeida Morais, Domingos da Silva e Sousa, José Fernando Relvas Pereira, Manuel Narciso Coimbra e Otelo Henriques de Sousa.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

Visita

Em Abril passado, deu-nos o grato prazer da sua visita, o nosso estimado companheiro Escoteiro-Chefe Bernardino A. Braga Teixeira, do Grupo 34 da AEP, da cidade do Porto. Agradecemos muito a atenção e registámos com prazer a sua promessa de renovada colaboração. O nosso visitante foi portador de vários exemplares do nosso jornal para divulgação no Norte.

AINDA O XVIII JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 8

tendo em conta que não necessitava de ser colocada entre dois telhados, foi quase a brincar que ficou pronta.

Tivemos ajuda de dois irmãos escutas do CNE, que também quiseram colaborar connosco, para os quais aqui fica o nosso agradecimento.

E assim tínhamos chegado ao fim da nossa aventura sobre os telhados.

Antenas montadas, a sensação de trabalho concluído, e estávamos prontos para dar início ao Jamboi no Ar n.° 18, que teria lugar dentro de poucos dias.

E logo recomeçámos tudo de novo: a descida do resto da antena, a soldadura das partes quebradas, a subida da antena consertada, nova colocação no telhado, etc.

Contudo, ao fim da quarta ou quinta tentativa, surgiu-nos o pior dissabor! Enquanto a antena estava a ser soldada, um carro passou por cima da parte que estava na rua e partiu um «*trep*».

Foi um autêntico balde de água gelada em cima de todos nós!

Desta vez nem as piadas nos animavam. Era já o terceiro dia em que subíamos aos telhados e este incidente veio realmente vergar por completo o nosso ânimo! Com a antena destruída a este ponto («*trep*» partido, fio destorcido, e outras anomalias), a única solução possível seria a construção de outra antena.

Saímos, pois, da casa do Dr. Callisto, com o moral muito em baixo...

Ficaríamos sem antena para o nosso Jambori?

Por sorte, três dias depois, o Dr. Callisto convocou-nos de novo. Tinha tido a sorte de arranjar uma antena nova, de um colega dele, e pedia-nos novamente ajuda para a sua montagem.

Não foi preciso mais nada! Com esta nova esperança, voltámos a ter todo o ânimo desaparecido.

E assim fizemos outra vez o percurso habitual sobre o telhado!

Após 3 horas de expectativa, a nova antena não nos desiludiu. Aguentou-se perfeitamente e não caiu! Não é preciso dizer a alegria sentida. Já tínhamos antena montada para o nosso JOTA! Eram 9 e meia da noite de sexta-feira, dia 17 de Outubro.

Como tínhamos combinado, pouco a pouco nos fomos reunindo no café habitual. Só depois de estarmos todos, nos deveríamos dirigir para casa do Dr. Callisto.

«Então o Vítor? Não vem?»

«Vem, está a acabar de jantar».

«Eu quase não jantei! Estou em pulgas para que chegue a meia-noite!»

Era esta a nossa expectativa!

Após tomarmos a «bica», encaminhámo-nos para casa do radioamador. A disposição era óptima e, até às 24 horas, estivemos em franca camaradagem e conversa com o Dr. Callisto. Este elucidou-nos sobre alguns aspectos técnicos, e estávamos prontos para entrar no ar!

Por volta das 11 horas, tocou o telefone. Era um moço nosso amigo, por acaso também radioamador, que, na impossibilidade de estar connosco, nos desejava as melhores felicidades para o JOTA-75! Foi uma atenção da parte dele, que naquele momento nos sensibilizou imenso.

Quase parecia que íamos fazer uma viagem à Lua!

Bem, diga-se em verdade, que o nervosismo e a expectativa eram quase iguais à de um «vulgar» astronauta...

Esperámos, pois, a chegada da meia-noite e, entretanto, afinavam-se os aparelhos, as mensagens a transmitir iam sendo pensadas e escritas.

Chega por fim a meia-noite! Na maior alegria, começámos os nossos contactos. A seguir a um período de organização das estações participantes, deu-se início ao JOTA-75. O nosso primeiro contacto foi com CT 1 JAM, em Queluz. Havia um ano que não ouvíamos a palava Jambori via rádio, e foi emocionante ouvi-la novamente.

Aguardávamos ouvir a comunicação do Chefe Justino, Organizador Nacional, para podermos dar início oficialmente ao nosso 18.° Jambori no Ar.

E assim, por volta das 0.10 horas locais, todas as estações puderam ouvir a seguinte mensagem:

«*Atenção! Aqui CT 1 JAM, tendo a bordo o Organizador Nacional do Jambori no Ar. Escoteiros e Radioamadores; a organização nacional do JOTA, deseja-vos Boa Caça e bons QSOs no 18.° Jambori Mundial no Ar que neste momento se inicia*».

Tínhamos começado o nosso JOTA-1975!

Durante cerca de três horas e meia, estaríamos em contacto com várias estações portuguesas (e uma inglesa) trocando mensagens e vivendo o nosso ideal.

Antes de saírmos da casa do Dr. Callisto, estivemos ainda em alegre convívio, para o qual contribuíram, em grande, os bolos levados por nós, e o anis servido pelo nosso anfitrião.

Tínhamos pois resolvido fazer um pequeno intervalo nas nossas comunicações, não só porque o radioamador estava um pouco adoentado, mas porque queríamos recomeçar bastante cedo, e um pequeno descanso era absolutamente necessário.

3 e meia da manhã, e dirigimo-nos para a Sede do CNE, cujo Chefe teve a gentileza de nos emprestar para servir de apoio e descanso para nós, visto ser próxima da casa do Dr. Callisto.

Ainda que o sono se fizesse sentir, custou-nos imenso a adormecer, pois que a boa disposição estava presente e a risota era uma constante.

Lógico que houvessem imensos elementos que passaram a noite acordados, trocando impressões sobre o Jambori e... tocando flauta(!) para incómodo dos que queriam dormir...!!!

Depois de uma refeição bastante frugal, e às 5 horas da manhã, não há dúvidas que uma flauta a tocar era precisamente a canção de embalar necessária.

Continua na pág. 7



A patrulha Castor do grupo n.° 12 da AEP felicita «Sempre Pronto»

Transcrevemos uma carta recebida:

Caros amigos:

Felicitamo-los, nós a Patrulha Castor do Grupo 12 da AEP.

Felicitamo-los porque o «Sempre Pronto» tem realmente cumprido o seu dever, que tem demonstrado ser realmente um mensário escotista e que não tem caído no erro de ideias de qualquer partido político ou ideologia política e espero que isso nunca aconteça.

Não falamos a título do grupo, falamos pela Patrulha Castor do Grupo n.° 12 da AEP.

Adeus e continuem firmes,

Guia — *Alberto Pina*

Subguia — *Carlos Sacramento*

Obrigado, amigos. Apreciamos muito a vossa opinião.



Grupo n.º 8

XXI Aniversário

No passado dia 9 de Maio, este grupo comemorou a sua *maioridade* com um acampamento no Parque de Escotismo da Caparica, acontecimento ao qual se associaram os Grupos 2, 13 e 94 e ainda familiares dos escoteiros e muitos antigos escoteiros deste grupo.

Há alguns anos dirigido pelo EC João Constantino, o 8 tem sido, sem dúvida, o grupo que mais actividade tem mantido, assim como é ele o que maior esforço tem feito para a expansão do escotismo e criação de novos grupos ou secções.

O Grupo 8, agora em reorganização, não só sob o aspecto da chefia, como no da administração, conta com quatro patrulhas juniores, duas patrulhas de exploradores, um clã de caminheiros e alguns lobitos.

Sempre Pronto deseja longa vida a esta unidade da AEP e faz votos pela continuação de bom escotismo.

Grupo n.º 7

As *gralhas* pousaram na notícia publicada no número de Janeiro/Fevereiro último.

Assim, o EC deste activo grupo chama-se Carlos Miranda e é estudante do 4.º ano de Medicina.

As nossas desculpas.

Os Escoteiros de Portugal repensam os Princípios

Mais um antigo escoteiro se nos dirige para confiar a sua opinião sobre a momentosa questão que está a ser debatida. Eis o que nos diz o antigo dirigente escotista e nosso companheiro Antero Nobre:

Senhor Director
e muito prezado Companheiro:

Se a minha opinião puder ter ainda algum valor, interesse e significado no «repensar de princípios» a que neste momento parece que se procede nos «Escoteiros de Portugal», pode o Sempre Pronto *afirmar aos antigos e actuais escoteiros, aos dirigentes escotistas de todos os escalões e a* tutti quanti *que:*

— Estou plenamente de acordo com o que, sobre o assunto, diz o estimado Companheiro e velho Amigo Eng.º José Maria Nobre Santos na sua carta publicada no último número do Sempre Pronto;

— Poderia perfeitamente subscrever as «Perguntas im pertinentes» *formuladas por Frei Bernardo O. P. também no último número do* Sempre Pronto *e, como decerto o seu Autor, gostaria imenso de conhecer as respostas que podem dar a essas perguntas os que advogam «mudanças» que afectam os próprios princípios básicos do Escotismo;*

— faço sinceros votos de que, deste novo «repensar de princípios», quanto a mim bem inoportunamente surgido na A. E. P., não resulte uma nova deturpação dos princípios básicos do Escotismo, a juntar às não poucas que infelizmente já se assinalaram na história do Movimento em Portugal.

As mais cordiais saudações escotistas do Sempre Pronto.

ANTERO NOBRE

A CAMPANHA DE ASSINATURAS

O Grupo n.º 93, de Sintra, apresenta-se

A conhecida unidade dos Escoteiros de Portugal, em Sintra, apresenta-se para colaborar na campanha. Manda um assinante e requisita 10 exemplares de cada número para venda. Quem nos transmite a notícia é o nosso antigo colaborador António Augusto da Silva e Cunha, que nos diz ainda que a cobrança de assinaturas em Sintra ficará a cargo daquele Grupo.

Óptimo, caros Amigos. O Grupo de Sintra ultrapassou o 24 do Funchal. Este tinha remetido 5 assinaturas, mas Sintra atinge 11. Quem vai mais além?

O Grupo 47, da Amadora, também nos afirma o desejo de cooperar. Para início, remete três assinaturas, mas promete mais.

◆

Ainda não se constituiu qualquer Equipa de Apoio a «Sempre Pronto». Qual vai ser a primeira?

◆

A Campanha que pretendemos desenvolver não se destina apenas a aumentar o número de assinantes. Precisamos que Escoteiros e Dirigentes se convençam que o caso é muito importante. Se não conseguirmos êxito assinalável — talvez 20 novas assinaturas em cada Grupo — «Sempre Pronto» não poderá subsistir. Precisamos que os nossos amigos acreditem na sinceridade da nossa afirmação, que pode ser garantida com a palavra de escoteiro.



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

A grandiosidade das pequenas coisas

Quando tratamos de Escotismo, há que precaver-nos, também, contra o culto do grandioso. É do próprio Fundador a afirmação de que o Escotismo é uma coisa simples; portanto, adicionar-lhe, sistematicamente, grandes cerimoniais, aparatosos desfiles, ou monumentais acampamentos, é desfigurá-lo e reduzi-lo na sua eficácia. Há que procurar nas pequenas coisas os elementos educacionais de que os rapazes carecem. No campo, é a vida simples, os jogos ao ar livre, o contacto íntimo com a Natureza, na observação e no estudo das suas manifestações; na cidade, são as «pequeninas boas acções», o serviço do próximo, o cavalheirismo; na sede, os treinos de aptidão, a fomentação do espírito de patrulha, a elaboração de trabalhos manuais «rústicos e toscos». Através destas pequenas coisas, o chefe adestra fisicamente os seus pupilos, modela-lhes o carácter e incentiva neles o espírito altruísta e o Ideal Escoteiro.

O Escotismo é simplesmente um jogo, uma alegre fraternidade do ar livre. Se é certo que não se alheia das grandes actividades, de irrecusável valor, o chefe-escoteiro, tem de fazer dos pequenos empreendimentos o fulcro da sua acção escotista. Verificará, então, que as coisas mais simples, os trabalhos mais fáceis, as atitudes mais discretas se transformarão em alavancas poderosas na tarefa educativa, prova cabal da grandeza que reside nas coisas reputadas como insignificantes.

JOEL RIBEIRO

A mendicidade

Continuação da pág. 1

grantemente aos nossos olhos depois do «25 de Abril» deve-se exactamente à falta de repressão. Mas esta só deverá ser utilizada depois de se terem tomado medidas eficientes para que não seja mais possível, nem por mera hipótese, que uma mãe vá para o hospital e deixe abandonada uma única criança que seja; que um cego não tenha meios de subsistência; um inválido careça de recursos; um velho não tenha amparo. Nesse dia, tais espertezas não serão mais possíveis porque não encontrarão qualquer eco na caridade pública.

No momento em que tantos serviços são criados para atender os mais variados problemas nacionais, quando por todo o lado surgem comissões para se ocuparem de casos dos mais diversos matizes, a mendicidade em Portugal, no seu aspecto social e até estético, que tão mal nos coloca aos olhos dos nossos visitantes e aos nossos próprios olhos, merece que alguém se debruce sobre ela com meios e poder para a solucionar, enquanto a situação social do país não atinja nível que torne inadmissível a sua existência. Mas todos nós, Portugueses, temos o dever de participar e contribuir para que nenhum de nós se avilte estendendo a mão à caridade pública.

O rico não é sempre sábio; porém, o sábio é sempre rico.

THALES

PÁGINA DO ESCOTEIRO



Para ti, irmão escoteiro

Ser amigo dos animais



Parece anedota, mas o que é facto é que, no fim de Abril, uns caminheiros *do Agrupamento 17, de Almada (CNE), perguntaram a escoteiros do Projecto-Piloto da Natureza, empunhando espingardas de pressão de ar, onde ficava o local de protecção à natureza.*

Atónitos, os escoteiros responderam que não sabiam, para que o seu trabalho não fosse devassado por escoteiros *que tão cretinamente pretendiam caçar no Parque.*

Diz a Lei que o escoteiro é amigo dos animais e das plantas, portanto, um amigo da natureza, que a deve proteger e dela cuidar.

Caçar e abater árvores só deve ser praticado quando houver absoluta necessidade, nunca por mero divertimento.

O Parque de Escotismo tem que ser um local onde os animais se sintam em completa tranquilidade. O cúmulo do anti-escotismo foi o facto de aqueles rapazes não só pretenderem caçar no local onde se ensina a respeitar os animais, como ainda quererem saber do sítio especial dedicado ao seu particular estudo e reconhecimento.

Onde iremos parar com escoteiros a proceder desta forma?

Daqui lançamos o apelo a todos os escoteiros, escutas e guias de Portugal para que se oponham a todas as manifestações de mau procedimento que de forma alguma podem ter cabimento na nossa organização.

Saudações fraternais do
Pata de Lobo

PROTECÇÃO À NATUREZA



No dia 2 do corrente mês de Maio, realizou-se na sede do Grupo 8, à tarde, a 3.ª reunião do conselho de guias das patrulhas dedicadas ao Projecto-Piloto de Protecção à Natureza.

Presentes elementos dos Grupos 8, 93 e 94 e ainda do 2, grupo que começou agora a dar a sua colaboração a este Projecto.

Entre os assuntos aprovados, ficou estabelecido que, por enquanto, não seriam admitidos no Projecto outros e que seriam reestruturadas as bases de trabalho, de forma que possibilitem a colaboração efectiva dos lobitos e caminheiros dos referidos grupos.

Os guias foram informados de assuntos de grande interesse, tais como a protecção de zonas húmidas e também do problema da quase extinção do camaleão algarvio.

No final, os escoteiros do 8 ofereceram um lanche a todos os presentes.

A próxima reunião do conselho de guias realiza-se na sede do Grupo 2, no dia 5 de Junho, às 15 horas.

Fogos do Conselho



Nos dois últimos números, o fogo de conselho foi tema de um artigo, repleto de espírito escoteiro e que reputamos de notável interesse.

Em complemento desse artigo, apresentamos as letras de algumas das inúmeras canções citadas nesse artigo, que certamente completarão esse tão útil trabalho:

Braço-Vara

Letra de *Eduardo Moreira*

I

Braço, vara, irmão escoteiro!
Vamos trabalhar!
«Sempre Pronto» e prazenteiro
Por Deus, Pátria e Lar!

Escoteiro, alerta,
Já o Sol raiou,
Das fileiras não deserta
Quem seu grupo honrou!

II

Pés velozes, fortes braços,
Franco olhar, leal;
Peito livre de embaraços,
Decisão real!

Escoteiro, alerta, etc.

III

Viva a Pátria e a Deus graças!
Honra a nossos pais!
Vida de cristal sem jaças,
Assim triunfais!

Escoteiro, alerta, etc.

IV

Escoteiro: a faina é leve,
Cumpre o teu dever!
E verás a trecho breve
Portugal vencer!

Escoteiro, alerta, etc.

★

Fogo do Conselho

Música e letra de Manuel Tacão Monteiro

Estribilho:

Fogo do Conselho,
Oh! chama bendita,
Teu facho vermelho,
Que luz e crepita,
Vem iluminar
Nossos corações,
Vem-nos inspirar
Como praticar
As Boas Acções.

I

Junto da fogueira,
Fala o Lobo Velho,
E a gente escoteira
Ouve o seu conselho.
Chefe muito amado,
Sem desanimar,
'Stá sempre ao seu lado,
Para os amparar!

Estribilho:

Fogo do conselho, etc.

II

A chama brilhante,
Que nos ilumina,
Dá-nos fé constante,
Fé que nos fascina.
E p'la vida fora
Seu brilho e fulgor
Dá-nos, de hora a hora,
Mais paz e amor!

Estribilho:

Fogo do conselho, etc.

Continua na página 6

Ocultar ou denegrir a obra dos Portugueses em África é autêntica traição

Sempre que através dos meios de comunicação social — particularmente na rádio e na televisão — se ouve hoje falar de descolonização, somos forçados com frequência a sofrer o espectáculo desolador de um desbobinar minucioso e desagradável de todos os possíveis malefícios da obra colonizadora dos Portugueses. É infelizmente muito fácil encontrar falhas numa acção que se desenrolou por cinco largos séculos e que nos últimos tempos mais se especializou na exploração do negro; na expropriação das melhores terras; procurando manter o indígena na mais rude ignorância; aspectos tristes, é certo, mas que, em boa verdade, se deve reconhecer não terem sido exclusivos da actividade colonial. Sem dúvida, portugueses houve que deixaram atrás de si marcas profundas de exploração e repressão, mas não foram os únicos nem sequer os piores. Não será mesmo arrojado afirmar que, de todos os europeus que estiveram em África, os Portugueses tenham sido aqueles que menos exploraram — talvez por inabilidade — a par de terem sido também os mais humanos porque menos racistas, e ainda e sobretudo aqueles que mais mérito tiveram na descoberta e ocupação de grande parte do continente africano.

Parece que esses agressivos e oportunistas comentadores da nossa política colonial se esmeram na busca exaustiva de tudo quanto foi mau, condenável, para atirar à cara dos seus compatriotas, enquanto se afadigam em ocultar, ignorar, o que possa ter havido de construtivo, o esforço ingénito de sucessivas gerações de portugueses que empaparam terras de África com suor, tantas vezes as regaram com lágrimas e até com o seu próprio sangue. Não procuremos desculpar o que houve de negativo na nossa presença ali, nem tentemos mesmo atenuar faltas estabelecendo paralelo com a acção de outros europeus, mas perguntemos com toda a sinceridade a tais palradores se os nossos compatriotas só ali deixaram miséria, exploração, atraso. Entre todo esse enumerar de censuras, não seria razoável esperar pelo menos uma tímida palavra de aplauso, de louvor, para alguma coisa de positivo que tenha ficado em África da presença dos Portugueses? Onde estaria essa pátria que hoje é Angola ou Moçambique antes de ali aportarem as naus e caravelas lusitanas? Quem as formou e desenvolveu? Quem desbravou o mato e rasgou estradas? Quem ergueu cidades tão formosas como Luanda, Lourenço Marques ou a Beira? Quem abriu portos? Quem fomentou a cultura afro-lusitana?

Recorda-nos, a propósito, a conferência que tivemos certa vez o privilégio de escutar, proferida por um pastor negro, que acabava de regressar do Brasil aonde fora participar em importante congresso. O orador, visivelmente entusiasmado, expressou a sua alegria pela admirável herança da língua portuguesa que lhe permitira comunicar com o povo brasileiro, idioma que era factor de unidade entre todas as etnias moçambicanas, cujos dialectos tribais dificultavam o entendimento.

Assim como Portugal tem a merecida honra de ter erguido no dividido continente sul-americano a grande e una nação brasileira, também das antigas colónias portuguesas irão agora surgir em unidade novas nações, reflexos da coesão que Portugal tem mantido através dos séculos. Não nos parece de desprezar a obra que conseguimos promover em África para que tenhamos de nos envergonhar de ali ter estado.

É profundamente lamentável que certos portugueses, tantos anos calados e mudos perante injustiças que se praticavam no Continente e Ultramar, desatem agora a língua só para apontar erros, indicar actos de repressão, incapazes de lobrigar algo de positivo na gesta de um pequeno povo que a rasgos de audácia contribuiu eficazmente para o progresso de gentes que foi descobrir no mais primitivo estágio de civilização, despertando-as para o benéfico convívio do mundo, embora o egoísmo e a cobiça possam ter sido muita vez o motor dessa acção.

Nem os estranhos se encarniçam tanto contra a acção colonial dos Portgueses. Se frequentemente — e com razão — criticam a nossa incapacidade na exploração das imensas riquezas do solo africano, que quase deixámos intactas, prestam também homenagem à capacidade humana dos nossos colonos, em confronto com o orgulho e actuação racista de outros. Estamos firmemente convencidos de que, ultrapassada a actual euforia da independência, serenados os ânimos, Portugal continuará a merecer dos povos das antigas colónias um lugar muito especial na sua simpatia, simpatia que nunca deixou de existir apesar da explosão de ódios atiçada por inconfessados interesses.

Reconheçamos que na obra de colonização de Portugal se praticaram muitas injustiças, injustiças que se avistam igualmente em toda a história da humanidade e não são atributo particular dos Portugueses, mas denunciemos também como autêntica traição a tentativa de ocultar ou denegrir o que de positivo — digamos mesmo grandioso — ficou dessa acção.

EDUARDO RIBEIRO

Novos uniformes para os Escoteiros de Portugal

Foi aprovado o novo uniforme dos Escoteiros de Portugal, que já está a ser usado na Região do Centro.

O uniforme compõe-se de camisa de azul claro: calça ou calção de ganga de azul escuro, conforme os padrões práticos usados actualmente pela juventude, os quais dão uma nota mais alegre e jovial aos escoteiros.

Por enquanto, são mantidas as insígnias bem como outros emblemas que se usam com o antigo uniforme.

Presos os assaltantes do Parque de Escoteiros da Caparica

A G. N. R., da Trafaria, localizou e prendeu os vândalos que assaltaram o Parque de Escoteiros da A. E. P.

São dois rapazes de 18 e 14 anos, que foram entregues à Polícia Judiciária, depois de confessarem o roubo e de entregarem parte dos artigos roubados. Os quase cinco mil escudos dali furtados foram gastos numa viagem ao Algarve.

Estes dois jovens, muito conhecidos na Costa da Caparica por outras «proezas» praticadas em vivendas, foram detidos depois de terem executado novo assalto às instalações do parque, causando de novo muitos estragos de ordem material.

A Direcção da A. E. P. está a fazer diligências no sentido de colocar um guarda permanente no campo, a fim de pôr termo a actos desta natureza.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Os nossos Assinantes continuam a manifestar o desejo de nos ajudar na cobrança das assinaturas. Muitos têm feito o favor de remeter o seu valor em cheque, vale de correio ou, mesmo, estampilhas postais. Trata-se de uma forma muito valiosa de colaborar nesta obra, pela simplificação do serviço e pela economia de despesa, já que a cobrança postal está por um custo exorbitante, que não depõe muito a favor de um serviço público.

Registámos ultimamente mais as seguintes remessas:

Assinantes Patrocinadores—*Srs. Antero Nobre, Faro; Amândio Moreira Dias, D. Perpétua Climaco Nascimento Penim, Manuel Patten de Sá Viana, Manuel Nascimento Duarte, de Lisboa; Eng.º José Aquino, Carcavelos; João José dos Santos Fernandes, de Algés.*

Outros Assinantes — *Srs. Comodoro Diogo Afonso, Jaime dos Santos Teixeira, Clã Luís de Camões, Jaime Silva, família de Carlos de Carvalho, de Lisboa; Vítor Vergamota e João Amorim, do Entroncamento; Grupo 23, de Caldas de Vizela; David Pedrosa, de Barrancas, Gaia; Manuel Ferreira Pinto, de S. Mamede de Infesta.*

A todos, os nossos agradecimentos muito profundos.

◆

Fizemos recentemente a cobrança postal aos nossos assinantes de Lisboa e temos a satisfação de revelar que o resultado foi muito bom. Certamente não foi possível cobrar alguns recibos, em virtude dos destinatários estarem ausentes. Apelamos agora para estes nossos amigos para que nos dêem a sua colaboração. Um cheque, um vale de correio, alguns selos postais (taxas de 1$00, 2$00 ou 3$00) metidos num sobrescrito resolvem-nos um problema. Esperamos a boa colaboração de todos.

Vamos fazer a cobrança na Província. Nalgumas povoações temos um só assinante. Mesmo que o recibo não seja cobrado a despesa vai a cerca de 14$00. Esperamos por isso o melhor acolhimento de todos os nossos estimados assinantes.

PÁGINA DO ESCOTEIRO

Continuação da página 4

Canção do Fogo

Música e letra de Amâncio Salgueiro Júnior

I

Oh! chama alegre, brilhante e divina,
Oh! fogo ardente, puro e imaculado,
Bis { Livra a minh'alma de qualquer má sina,
Salva o meu corpo de todo o pecado.

II

Oh! fogo sagrado, brilhante e divino,
Tu que és um hino de paz e amor
Bis { Dá à minh'alma, uma vida calma,
Dá-lhe beleza dessa tua cor.

III

Ao crepitar da tua chama,
Vimos ouvir os conselhos,
Que nos dão os nossos chefes,
Os nossos irmãos mais velhos.

Ao crepitar da tua chama,
Oiço uma voz de encantar,
É a nossa Pátria querida
Que nos quer abençoar!

*

Canções de origem estrangeira:

Iucaidi

Tradução e adaptação de Eduardo Moreira

Coro

Iucaidi, iucaidá,
Iucaidi, aidi, aidá,
Iucaidi, iucaidá,
Iucaidi, aidá.

Quando a cotovia acorda,
Iucaidi, iucaidá,
a vedeta nos recorda
Iucaidi, aidá,
que é preciso levantar
e saímos a cantar:

Coro

Iucaidi, iucaidá, etc.

Depois é que nos juntamos,
o bornal afivelamos.
E partindo, com coragem
transportamos a bagagem.

Do sachém de pele vermelha
temos a ciência velha
que ensina a avaliar
o tempo antes de marchar.

Quando a relva tem orvalho,
a chuva não dá trabalho,
e a relva seca anuncia
que choverá nesse dia.

Se o rocio da noite banha
de noite as teias de aranha,
eis um sinal de primor
de que vai fazer calor.

Que faça bom tempo ou não,
sempre canta o coração;
Olhar vivo e pé ligeiro
são o mote do escoteiro.

Ao viajar, o escoteiro,
até passa sem dinheiro;
que em cuidados não trepida
quem sabe ganhar a vida.

A honra é nossa nobreza
e o bem é nossa riqueza,
Destemido e altaneiro,
assim marcha o escoteiro.

Da campina, a doce calma
infunde paz em noss'alma.
E em cama de maravalha
toda a a gente se agasalha.

Quando a paz dos campos cresce
e a noite sobre nós desce,
com os corpos fatigados
dormimos sem mais cuidados.

Dos campos, na doce paz
noss'alma se satisfaz.
Fica alerta a sentinela,
sobre o nosso sono vela.

Os senhores têm visto
a moral de tudo isto:
ser escoteiro, nesta idade
é a maior felicidade!

Continua no próximo número

Conferência de Dirigentes

Dado que a Região do Norte resolveu facultar os seus estudos, a Direcção da AEP vai poder distribuir, a todos os participantes da Conferência, cópias de projectos de estatutos elaborados pela Direcção Central, Região do Centro, Região do Norte e ainda pelo EC Mário Luzano Leite, a fim de poderem ser devidamente apreciados e discutidos na Conferência que se realiza, como já anunciámos, a partir do próximo dia 3 de Julho.

Pena é que a comissão encarregada de elaborar um projecto de novos estatutos, que tantos meses teve para isso, não tivesse levado a cabo a sua missão, o que vai causar certamente muitos prejuízos ao andamento dos trabalhos durante a conferência.

«SEMPRE PRONTO» HOMENAGEADO NO BRASIL

O Grupo Escoteiro do Mar Almirante Alberto Nunes — 8.° DF, cuja sede é em Brasília, acaba de conferir a *Sempre Pronto* o honroso diploma de «Amigo do Grupo», homenagem que é acompanhada por palavras de muita generosidade, mas que muito sensibilizaram todos quantos trabalham neste jornal.

Ao agradecermos esta manifestação de amizade, aproveitamos o ensejo para exprimir a determinação de que, enquanto tal nos for possível, não nos cansaremos de contribuir com os nossos modestos préstimos para fortalecer os elos entre movimentos escotistas das duas Pátrias irmãs.

Exposição «A arte da criança deficiente»

Uma notável iniciativa da Aliança Nacional das ACMs de Portugal — Centro de Educação Especial ACM — Covilhã

Na nova sede da Aliança Nacional das ACMs, na rua Saraiva de Carvalho, 97, em Lisboa, inaugurou-se em 6 de Maio corrente uma interessante exposição de trabalhos plásticos executados por crianças deficientes mentais, que frequentam em regime de semi-internato o Centro de Educação Especial da ACM, na Covilhã. Esta é uma das recentes e humanitárias iniciativas da ACM, instituição que em todo o mundo coopera com o Escotismo desde a primeira hora da sua fundação.

Da benemérita obra da Covilhã, em pleno desenvolvimento, beneficiam já cerca de 40 crianças e jovens, de idades dos 4 aos 17 anos, cujos graus de deficiência vão do ligeiro ao profundo e que na sua grande parte pertencem às classes sociais mais desfavorecidas.

O trabalho do Centro atende dois aspectos importantes: O psicopedagógico e o social.

A actividade psicopedagógica

Esta acção efectua-se no próprio Centro e visa a educação integral das crianças, procurando levar os educandos ao máximo desenvolvimento das suas capacidades e à correcção de defeitos de comportamento. Na prática, esta actuação tem como base diversas disciplinas que vão da psicomotricidade à iniciação, ao cálculo e à leitura escrita, passando pelo desenvolvimento sensorial, trabalhos manuais, actividades livres, programas recreativos e outros.

O Centro debate-se com algumas dificuldades de pessoal técnico, já que, para além da sua falta em todo o país, os poucos técnicos que existem desenvolvem geralmente as suas actividades nos grandes centros, ficando a província sujeita praticamente a algumas boas vontades. Ainda assim, o Centro da Covilhã tem podido contar com a dedicação de alguns técnicos especializados, tanto no campo psicopedagógico, como médico, o que lhe tem permitido realizar obra eficiciente.

A actividade social

Considera-se que, no dia em que a sociedade puder aceitar os deficientes como seres humanos, com todos os direitos e garantias, estes deixarão em parte de o ser, dado que a deficiência é acentuadamente notada e apontada no momento em que estes se relacionam com outros homens designadamente normais. O Centro considera válido e muito importante uma procura constante da comunidade onde se insere, a fim de preparar a futura integração social dos educandos.

Mas a obra das ACMs, apesar do seu pleno desenvolvimento em diversoss campos humanitários, não diminui o seu interesse pela

Continua na página 7

AINDA O XVIII JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 2

Só que não contámos com a inexperiência do executante, e em vez de sons melodiosos, tivemos de «gramar» uns sons irritantes que mais não eram que autêntico despertador...

7 e 30 da manhã do dia 18 de Outubro, e após alguns elementos terem feito uma digressão pela padaria local, dirigimo-nos todos para o café, com o fim de tomarmos a «bica» matinal que para alguns de nós se tornava tão necessária...

Não há dúvida que o dono do café deve ter enriquecido connosco, de tantas «bicas» que pedimos! Se parece! Quem sabe se não terá sido ele quem convenceu o Paulo que sabia tocar flauta...!!!

Regressámos ao «*shack*» às 9 horas, onde estava tudo a postos para a continuação dos contactos.

Eram precisamente 10 e meia quando entrámos em contacto com Gilwell Park! Foi para nós um momento de euforia, pois esta estação GB3GP—fazia parte das que tínhamos imenso gosto em contactar, dado o seu interesse escotista.

E assim continuámos durante toda a manhã, estabelecendo contacto com variadíssimas estações.

A nossa mensagem: «*O Grupo 47 da AEP, na Amadora, deseja que a Fraternidade Escotista esteja presente neste Jambori. Votos de Boa Caça*», foi transmitida quase para o mundo inteiro, em diferentes línguas: português (claro!), inglês, francês, alemão, italiano, norueguês e holandês, graças à facilidade linguística do «nosso radioamador», professor de línguas e, (como ele diz) que fala seis idiomas e «arranha» mais cinco...!

Interrompendo somente para o almoço, continuámos pela tarde fora, comunicando com Portugal e estrangeiro, com especial referência ao contacto estabelecido às 18,16 horas, com o Sudoeste Africano, pois foi interessante saber que numa localidade para nós desconhecida — Otjiwarongo — estavam várias Escoteiras, também desejosas de entrar em contacto com Portugal. Após a troca de mensagens, despedimo-nos destas nossas irmãs, com a sensação agradável da internacionalidade do Escotismo.

O jantar veio interromper esta sequência, e, às 9 e meia da noite, retomámos o JOTA. agora com um novo radioamador — o Sr. Nelson Ferreira Alves, CT1MV, que, tendo conhecimento do estado adoentado do Dr. Callixto, se prestou imediatamente para nos ajudar.

Foi um período deveras interessante e agradável, pois até às 5 da manhã do dia 19, estivemos no ar. No meio de um sono desgraçado a que alguns não resistiram, e ao qual o café servido às 3 da manhã veio afastar um pouco, tivemos o momento mais engraçado e mais movimentado do JOTA. Juntamente com as estações CT1AEC, CT1AEO e CT1QT, estabelecemos uma «roda» que iria durar até às 5 e tal e que foi realmente inesquecível!

A troca de mensagens e poemas surgida entre as estações, para a qual as Aquelás de Odivelas vieram dar a nota alegre, foi de uma camaradagem sem precedentes, dada a alegria e euforia demontradas por todos nós.

Autêntico Fogo de Conselho no Ar, como lhe chamariam os nossos irmãos de Odivelas, veio demonstrar, uma vez mais, o espírito fraternal e de sincera alegria que reina sempre que escoteiros se encontram.

De todas as mensagens surgidas, gostávamos de salientar uma, que resume todo o espírito que presidiu a este encontro:

«Para todos o entusiasmo e a alegria que une Aquelás e «Aqueluz» é a concretização dum pensamento que o Mundo deseja... Nós seremos a vanguarda dessa realização se conseguirmos projectar através do éter a chama da fogueira que nos aquece».

Acabámos, por fim, por nos despedir dos nossos irmãos de Odivelas e Portimão. Eram 6 horas e saímos do «*shack*» para descansar um pouco.

Tínhamos combinado regressar às 9 horas, mas desta vez o sono foi mais forte! Eram já quase 10 horas quando nos encaminhamos para o «*shack*», depois do pequeno-almoço tomado no café.

E assim fomos contactando com mais estações durante a manhã. De salientar uma estação sueca — SK7HO — cujo operador falava fluentemente o português! Como o Dr. Callisto fala o sueco também, assistimos a um facto deveras original: a estação sueca a falar português e a nossa estação a responder em sueco... Viemos depois a saber a razão pela qual o operador sueco falava tão bem a nossa língua: tinha vivido na Amadora, precisamente no bairro em que estávamos! Como o mundo é pequeno!

Durante este período de contactos, e já próximo da hora de almoço, tivemos a visita do Chefe Justino acompanhado de um dirigente do CNE e também radioamador — Mário Jacques — CT1QI. Trocámos impressões sobre este Jambori no Ar e, após o fim da sua visita, fomos almoçar.

No período seguinte, tivemos a colaboração do outro radioamador — Américo Rebordão Correia — CT1TK, que cremos ser o mais novo de Portugal, pois tem 16 anos, e que, na véspera, nos tinha telefonado a desejar boa sorte.

Já se notava em todos nós o cansaço. Duas noites quase em branco, manifestavam-se já nos nossos olhos. Foi durante este período que tivemos duas hipóteses de contactos com duas estações, uma na Ilha da Ascenção e outra no Pólo Norte. Embora recebidas quase a 100%, não nos foi possível estabelecer contacto. Esta impossibilidade de contacto, principalmente com o Pólo Norte, causou-nos imensa pena dada a originalidade do contacto.

Aproximada a hora do jantar, saímos outra vez do «*shack*» e dirigimo-nos à Sede do CNE, ponto de apoio durante estes dois dias de Jambori.

As refeições à base de sandes, iam-se tornando já habituais e, assim, de corpo cansado e barriga não satisfeita, regressámos ao «*shack*» para o último período deste JOTA-75.

Pode-se dizer que findámos este 18.° Jambori no Ar da maneira mais agradável. Às dez e um quarto da noite, retomámos contacto com uma estação que tinha entrado na «roda» da noite anterior, CT1AEC com o Agrupamento 119, de Coruche. Mais uma vez a alegria foi uma constante, visto que os contactos entre a nossa estação e os elementos de Coruche, que conhecemos possoalmente, terem sido uma troca agradável de mensagens, poemas e piadas...

O fim do Jambori aproximava-se. Ainda que cansados, e de barriga vazia, os nossos rostos traduziam a tristeza pelo fim deste convívio.

Foi, pois, com olhos tristes, que víamos aproximar-se a meia-noite local.

CT1 JAM, com a presença do Organizador Nacional, iria fechar o JOTA-75.

«*CT 1s, CT 2s, CT 3s e Escoteiros.*

CT 1s, CT 2s, CT 3s, Radioamadores e Escoteiros e também Rádio-escutas.

Ao finalizar o 18.° Jambori no Ar, deixo os meus melhores 73s e bons QSOs e votos de Boa Caça, e até ao 19.° JOTA, no terceiro fim-de-semana de Outubro de 1976. Boa noite a todos, uma canhota, um abraço»!

Com esta última mensagem, fidava o 18.° Jambori no Ar! Quarenta e oito horas em que a Fraternidade Escotista *esteve* presente. Tal como nós tínhamos desejado.

Desta actividade, ficaram-nos recordações e uma certeza: *estaremos presentes no 19.° Jambori no Ar!*

Até para o ano, Irmãos!

Exposição «A arte da criança deficiente»

Continuação da página 6

Educação Especial. Pretende-se agora criar pré-oficinas na Covilhã para preparação profissional dos educandos e está já em marcha a iniciativa de criar um Centro na Guarda, aproveitando a experiência obtida na primeira cidade, atendendo assim a zonas do país onde nada estava sendo feito para atender necessidades tão imperiosas.

A Exposição

A Exposição surpreendeu o visitante pelo nível dos trabalhos apresentados, que em nada diferiam daqueles que normalmente são apresentados nas exposições escolares, revelando assim que numa coisa a criança deficiente é igual a todas as outras — na sensibilidade. O Centro aproveita esta aptidão inata para a desenvolver, como ponto de partida para uma acção educativa importante.

No acto inaugural, o director do Centro, sr. João Carlos Barata Moutinho, pôs em relevo a utilidade da obra, que apenas consegue atender uma pequena parte da necessidade local em Educação Especial, mas também evidenciou o interesse e apoio que a população da Covilhã tem dispensado ao Centro. O sr. Pena Ribeiro, secretário nacional da Aliança Nacional das ACMs de Portugal, um antigo escoteiro e dirigente, cujo entusiasmo pela obra educativa vem desde longa data, disse do carinho que a instituição punha neste trabalho de tão largo alcance social e revelou várias e importantes iniciativas em curso, em que avulta também a obra de apoio aos retornados e a sua integração na comunidade. Enquanto foi servido um lanche a todos os presentes, estes manifestaram interesse pela obra, formulando perguntas e dando sugestões, que os dirigentes citados acolheram e a que responderam com interessantes esclarecimentos.

O Presidente da Fraternal em Lisboa

Continuação da pág. 1

muito preciosos, para serem coligidos e arquivados,

Através de «S. P.» foram entregues ao nosso visitante dois exemplares da obra sobre o Jambori do Japão, oferecidos pelo seu Autor, o nosso estimado amigo, Rev. Padre Américo Ferreira Alves, do CNE, de Braga.

Durante a sua estadia em Lisboa, o sr. Philip Tossijn visitou também a Junta Regional de Lisboa do CNE, mas não pôde ter qualquer contacto com a associação das guias, por as suas dirigentes se encontrarem ausentes.

No dia 14. o nosso visitante regressou ao seu país, visivelmente bem impressionado com a forma como fora acolhido.

Quando alguns dos dirigentes da nossa Fraternal se foram despedir do sr. Tossijn ao seu hotel, o nosso visitante sugeriu que fosse organizada uma excursão à Bélgica, para o que talvez fosse possível obter especiais condições para a viagem.

O sr. Tossijn agradece o nosso acolhimento

De novo no seu país, o sr. Tossijn dirigiu a um dos nossos companheiros a seguinte carta:

De novo em Bruxelas, desejo muito em especial agradecer-vos por todas as gentilezas que tivestes para comigo durante a minha estadia em Lisboa.

Peço-vos igualmente o favor de agradecer ao vosso presidente assim como aos outros amigos da Fraternal o amável acolhimento que me reservaram em Lisboa.

Esperando ter o prazer de vos receber proximamente e com as melhores saudações,

Ph. Tossijn

Ainda o XVIII Jambori no Ar

Como um Grupo de Escoteiros viveu o acontecimento

No último número, oferecemos aos nossos estimados leitores um comentário sobre os relatórios que os grupos e agrupamentos participantes neste JOTA enviaram à Organização Nacional.

Como verificaram os que leram aquelas linhas, alguns relatórios mereceram elogiosas referências pelo grande interesse do seu conteúdo e pela forma como eram apresentados. A fim de que se possa fazer uma ideia do valor desses trabalhos, vamos transcrever na íntegra o texto do que foi elaborado pelo Grupo 47, da Amadora, convictos do interesse que a sua leitura despertará em todos os escoteiros.

Qual felino passeando pelos telhados, assim nós nos sentíamos naquela manhã solarenta e ventosa.

A intenção era a de montar a antena dos 40 e 80 metros, sem a qual a nossa participação no Jambori no Ar ficaria comprometida. Combinado tudo na véspera, com o Dr. António Callisto, «nosso» radioamador, ninguém faltou ao encontro e, assim, preparámo-nos para subir ao telhado.

Nunca pensámos ser tão interessante esta actividade, pois, além da parte técnica da montagem, o aspecto paisagístico era soberbo! Era um autêntico mar de telhas, cujas antenas de televisão constituíam uma floresta metálica.

Colocar a antena entre os dois telhados, separados pela rua, era o objectivo. O peso da antena e a sua perfeita colocação era a dificuldade.

Não contámos com os azares surgidos! Quase nos faltou um tremor de terra ou um maremoto...

Por 4 vezes a antena esteve colocada, e outras tantas veio parar ao chão! Não fosse a teimosia demonstrada por todos nós, e teríamos desistido.

Quantas vezes, quando a antena caía, nos olhávamos com o ar mais desanimado possível?

Era realmente desanimador assistir ao nosso trabalho caído no chão.

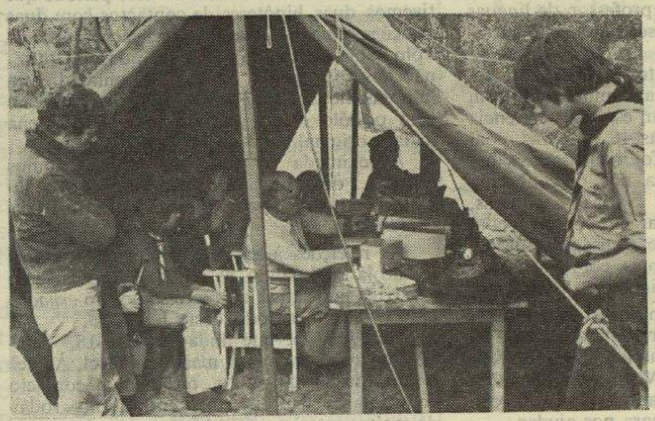
«Ainda faltam duas quedas para a meia dúzia»!

E bastavam simples frases como esta para nos fazerem rir e nos animarem a nova tentativa...

Faltava, contudo, montar a antena vertical para os 15 metros.

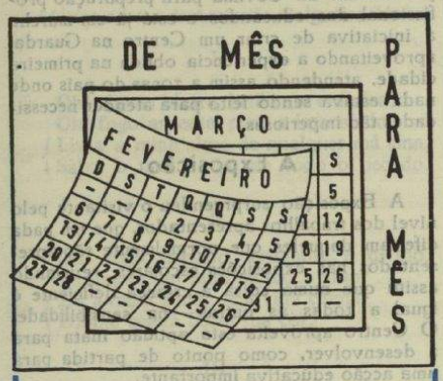
Comparada com a anterior, esta nova montagem, foi facílima, pois, numa manhã, ficou operacional. Muito mais leve que a anterior, e

Continua na pág. 2



Uma imagem do posto CT 1 AEP, que funcionou no Parque de Escotismo da Caparica. Na mesa de operações, o radioamador sr. Raul Baptista. Os escoteiros seguem os trabalhos com visível interesse.

Foto: *Lobo Matreiro* (EC)



ORIENTAR



As regras de orientação constituem matéria de uma prova de classe e serviam de tema para interessantes exercícios, que os escoteiros executavam com perícia. Agora reparo que estou a falar no pretérito, parecendo que hoje não se fazem tais exercícios, o que certamente não é verdade.

Também a insígnia associativa, constituída pela flor-de-lis, usada nas bússolas para indicar o Norte, significava que o Escoteiro era um jovem bem orientado, que sabia encontrar o Norte na vida.

Portanto, a Orientação é assunto básico no Escotismo; orientação física, intelectual, espiritual Por isso, o nosso Movimento tem projectado para a comunidade escoteiros que vão aí ser cidadãos úteis, profissionais competentes, chefes de família exemplares.

Brevemente, vai reunir em Lisboa a Conferência de Dirigentes dos Escoteiros de Portugal, à qual compete estabelecer a orientação geral da AEP. Tarefa importante, que exige que o mais alto organismo associativo conheça bem os pontos cardiais do Escotismo. Só teremos Escotismo autêntico se a nossa orientação for estabelecida depois de ter encontrado o verdadeiro Norte. Como afirma B.-P., o *Dirigente deve lembrar-se que, além do dever para com os seus rapazes, tem ele também um dever para com o Movimento, como entidade colectiva.* O dever que o Fundador punha em relevo no «Guia do Chefe Escoteiro» era a Fidelidade. Que a Conferência de Dirigentes não seja uma mera formalidade estatutária, mas uma reunião viva que realmente estabeleça orientação, na obediência aos pontos cardiais que fizeram do Escotismo o grande Movimento da Juventude.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção :
Armando Inácio

Equipa de Administração :
Capitolino Ferreira Macedo
Ernesto Clímaco do Nascimento
Luís Garcia

Número avulso : 5$00 — Assinatura anual : 60$00